

# A leitura em português como L2: análise das possíveis crenças dos professores de surdos

## Reading in Portuguese as L2: analysis of possible beliefs of teachers of the deaf

---

Patrícia Araújo Vieira \*

Vera Lúcia Santiago Araújo \*\*

**RESUMO:** O ICES (Instituto Cearense de Educação dos Surdos) é uma escola pública de Fortaleza - CE freqüentada apenas por alunos surdos. Essa escola tem como proposta educacional o Bilingüismo que considera a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como a língua natural dos surdos e a língua portuguesa a sua segunda língua (L2). Devido ao fato de essa escola ter passado por várias transformações educacionais, inúmeras crenças entre os professores começaram a surgir, visando fazer os alunos surdos se tornarem proficientes em leitura em língua portuguesa (L2). Nessa pesquisa foram entrevistados quatro professores de língua portuguesa para os surdos, sendo dois formados no curso de Letras e dois formados em Pedagogia. Eles fazem parte do quadro docente do ICES e seu tempo de trabalho nessa instituição foi bem diferenciado. Esse estudo revelou que as crenças dos professores sobre o ensino de leitura em L2 para os surdos têm influenciado suas ações na sala de aula, além de impedir ações que poderiam ser benéficas ao desenvolvimento leitor desses alunos, conforme o que professam Barcelos (2003) e Wood (2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Crenças. Professores. Leitura em L2. LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

**ABSTRACT:** The ICES (Deaf Education Institute of Ceará) is a public school in Fortaleza – CE attended only by deaf students. This school's education statement considers bilingualism, which says that LIBRAS (Brazilian Sign Language) is the mother tongue for the Brazilian deaf, Portuguese being the second language. Because this school has been through many changes, many beliefs among teachers have emerged in order to make students more proficient in reading Portuguese (L2). This research presents interviews with four teachers of Portuguese language – two who are majored in *Letras* and two from Education. They are teachers working for ICES and their work time has varied considerably. This study revealed that the teachers' beliefs about

---

\* Especialista no Ensino do Português e aluna do Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de LE/L2 da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: pattivieira477@yahoo.com.br

\*\* Doutora em Letras (Língua Inglesa Liter. Inglesa e Norte-Americana), pela Universidade de São Paulo (2000).

teaching of reading in L2 to the deaf has influenced their action in class. It has also kept them from acting in a way that could benefit their students in their reading development, according to Barcelos (2003) and Wood (2003).

**KEYWORDS:** Beliefs. Teachers. L2 Reading. Brazilian Sign Language (LIBRAS).

## Introdução

Os surdos brasileiros vivem em um país que tem como língua oficial o português onde a maioria de sua população é ouvinte e falante desse idioma. Por terem a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como sua língua natural, os surdos brasileiros têm o português como uma segunda língua. Ao reconhecer a LIBRAS como a língua da comunidade surda brasileira (2002), o país parece ter optado por uma perspectiva bilíngüe na educação dos surdos.

O ICES (Instituto Cearense de Educação dos Surdos) é uma escola pública de Fortaleza freqüentada apenas por alunos surdos. Essa escola já passou por duas abordagens educacionais: Oralismo e Comunicação Total<sup>1</sup>. Hoje, ela tem como proposta educacional o Bilingüismo. Essa proposta educacional, diferente das outras, considera a LIBRAS como a língua natural dos surdos e também respeita e aceita a cultura surda.

Devido ao fato de essa escola ter passado por tantas transformações educacionais, seu corpo docente teve que passar por vários treinamentos. O que se acreditava ser o melhor para os surdos, concluía-se, depois, não ter tanta importância. Nesse contexto, inúmeras crenças começaram a surgir visando fazer os alunos surdos brasileiros se tornarem leitores proficientes em leitura na língua oral de seu país.

Este trabalho é um estudo de caso que se propõe a analisar as crenças dos professores de leitura em língua portuguesa como L2 formados tanto no curso de letras da UFC (Universidade Federal do Ceará) como no curso de

---

<sup>1</sup> Oralismo – essa abordagem foi introduzida no Brasil em 1911, trazida pelo INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos) com o objetivo de integrar o surdo à comunidade ouvinte; ignora a língua de sinais e impõe a língua oral de seu país aos surdos. Comunicação Total – considera os aspectos cognitivos, emocionais e sociais dos surdos, mas ainda leva em conta a língua oral. Para essa abordagem, qualquer recurso estilístico visando facilitar a comunicação com as pessoas surdas é válido. O aprendizado de uma língua não é o foco dessa proposta.

pedagogia da UVA (Universidade Vale do Acaraú - CE). Os objetivos são identificar possíveis crenças que esses professores possuem sobre o ensino de leitura como L2; e que relação(ões) existe(m) entre tais crenças e a proficiência leitora dos surdos cearenses, alunos desses professores.

### **Por que analisar crenças?**

Os professores de surdos vivem uma experiência bem diferente de professores de uma língua estrangeira para ouvintes. Eles estão diante de sujeitos que não podem contar com a audição para o desenvolvimento da aprendizagem, além de possuírem uma língua que não é oral-auditiva e sim visual-espacial. Portanto, temos duas culturas que se interagem através do ensino.

Acreditamos que falar sobre crenças seja muito abstrato e complexo. Poderia ser um assunto até evitado por envolver muito o lado cognitivo e emocional dos professores. Porém, crenças e ações estão tão interligadas, que a partir do momento que analisamos algumas crenças, é possível entendermos as ações de alguns professores.

Segundo Barcelos (2003 *apud* BARCELOS, 2006, p.26), "... crenças têm impacto nas ações e as ações por sua vez afetam as crenças". Para Wood (2003 *apud* BARCELOS, 2006, p. 27), as crenças e as ações estão relacionadas de forma complexa. Muitas das ações dos professores são compreendidas tanto pelas crenças que eles carregam, como pela experiência que cada um possui de tempo de trabalho, como também das situações contextuais. Dufva (2003 *apud* BARCELOS, 2006, p. 30) nos diz que é um erro analisar crenças sem considerar o contexto social e cultural no qual elas ocorrem.

Como apoio para esse trabalho, partimos do pressuposto de que as estratégias informadas pelos professores no ensino de leitura em L2 estão ligadas às suas crenças e elas se desenvolvem de várias maneiras: pelo tempo que eles possuem de convivência com os alunos surdos, pelas reações dos surdos mediante algumas atividades anteriormente propostas ou pela reação

dos familiares e envolvimento destes com a escola. Neste trabalho, procuramos focalizar as experiências que os professores têm em relação à educação dos surdos e como o contexto em que eles estão envolvidos tem contribuído para a formação das crenças.

Em visitas ao ICES, podemos perceber como a interação entre esses professores de língua portuguesa e seus alunos têm reconstruído, a cada momento, suas experiências. Provavelmente, tudo o que analisamos neste trabalho, poderá mudar num espaço de tempo se entrevistarmos novamente os mesmos professores para uma mesma análise. Conforme Barcelos (2006, p. 26), essas mudanças nas crenças não acontecem repentinamente. Há momentos de reflexão que colaboram para que elas ocorram. Para a autora, esses momentos são como gatilhos promotores de problemas, dúvidas, ou perguntas que geram uma consciência da crença existente e de seu possível papel no dizer e fazer de cada professor.

Observando as ações dos professores de língua portuguesa em sala de aula, procuramos entender como essas crenças podem interferir no ensino de leitura em L2 para os surdos. Portanto, as ações dos professores foram o principal foco desta pesquisa.

### **Metodologia da investigação**

Conforme informado na introdução, este trabalho é um estudo de caso porque selecionou apenas um objeto de pesquisa (os professores de surdos) e procurou obter grande quantidade de informações sobre o caso escolhido. De acordo com o que professam, sobre estudo de caso, Matos e Vieira (2002, p. 45).

A amostra constituiu-se dos professores do ICES formados no curso de Letras e que ensinam do 6º ao 9º ano; e os professores formados em Pedagogia que ensinam do 1º ao 5º do ensino fundamental. As perguntas de pesquisa que nortearam o estudo foram: (a) Quais são as crenças que os professores têm no ensino de leitura como L2? (b) As crenças no ensino de

leitura em L2 dos professores formados em Letras são diferentes ou semelhantes às dos professores formados em Pedagogia? (c) Como essas crenças podem afetar no desenvolvimento leitor dos alunos surdos?

Foram entrevistados quatro professores de língua portuguesa para os surdos, sendo dois formados no curso de Letras e dois formados em Pedagogia. Eles fazem parte do ICES e seu tempo de trabalho nessa instituição foi bem diferenciado. Dois estão na escola a menos de cinco anos e são exatamente os professores formados em Letras e que ensinam português do 6º ao 9º do ensino fundamental. Os outros dois são formados em Pedagogia e ensinam na escola há mais de quinze anos. Um deles estava encerrando o seu tempo de magistério. Os pedagogos ensinam português às séries iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental e os formados em Letras às séries do ensino fundamental II (6º ao 9º ano). Para propósitos da pesquisa, os sujeitos participantes serão chamados de Antônio, Ana, Luana e Joana.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete, visando evitar que esses professores elaborassem respostas que poderiam não refletir exatamente o que eles acreditam. Foi elaborado um questionário semi-estruturado para preparação prévia para a entrevista. Antes de questioná-los sobre o ensino de leitura, foram lançadas perguntas que permitissem que o momento se tornasse descontraído, e o professor não se policiasse pelo fato de a entrevista estar sendo gravada. Toda a entrevista foi transcrita. Os dados foram posteriormente analisados e confrontados com teorias e outras pesquisas sobre crenças.

### **Professores e suas crenças**

A primeira informação que colhemos dos professores é que todos começaram a dar aulas aos surdos sem conhecer nada sobre a língua de sinais. Todos aprenderam com os surdos, pela interação entre os alunos na sala de aula. Antônio, professor do ICES há 3 anos e formado em Letras, diz que poucos meses depois que tinha entrado na escola, chegou a pedir demissão à diretora do colégio por acreditar que não estava ajudando os alunos surdos a

aprenderem a língua portuguesa. "Há dois meses dava aula e as estratégias que eu usava com os surdos não funcionavam" (06/06/07).

Por não conhecer bem a língua de sinais, ele acreditava que a quietude da sala era uma resposta de que nada estava funcionando. Borg (2003 *apud* BARCELOS, 2006, p.30), baseado nos estudos de Richards & Pennington (1998), afirma que fatores contextuais que moldam a sala de aula, como: salas cheias, alunos desmotivados, programa fixo... podem inibir a habilidade do professor de adotar práticas que refletem suas crenças. Antônio estava diante de uma sala totalmente desmotivada por não entender o seu professor de português, que por sua vez não entendia seus alunos. Entrar na sala de aula para ensinar aos surdos sem estar preparado e sem conhecer a cultura deles é uma situação comum a essa instituição.

Quando questionamos o que eles mais focalizavam nas aulas de português, todos responderam leitura. Todos também afirmaram que os surdos têm muita dificuldade em ler textos na língua portuguesa. E a dificuldade central, para eles, está na falta de vocabulário. "Eles conhecem pouquíssimas palavras. A memorização para eles é muito difícil. Nós temos o som para ajudar a memorizar as palavras. Para eles é um esforço extremo. Eles teriam que visualizar as palavras. No entanto, eles conhecem os sinais, mas não as palavras". (Antônio 06/06/07)

Ana que também é formada em Letras e ensina no ICES há cinco anos acredita que a dificuldade de leitura dos surdos está no fato de no texto existirem palavras que não significam nada para a LIBRAS. Por isso, ela costuma adaptar os textos que são entregues aos alunos para trabalhar leitura em L2.

Se eu passasse o texto exatamente como está no livro deles, seria difícil demais, porque existem palavras que não significam nada. Por exemplo, a palavra 'indiferente'. Não significa nada. Não tem um sinal. Então, eu tenho que mudar a estrutura das palavras. Todos os textos são adaptados. (Ana 06/06/07)

Ana mostrou que, na história de Rapunzel, quando foi explicar o porquê desse nome, ela não falou que era uma alface, que a mãe da princesa comia

muito enquanto estava grávida de Rapunzel, mas que era uma fruta linda e vermelha. Um morango ou uma maçã. Porque ela acredita que se falar que Rapunzel era uma alface, eles não iriam entender. Por isso, ela prefere fazer a adaptação. Ao invés de falar alface, ela fala morango ou maçã.

A ação de Ana é o resultado de sua crença de que se mantivesse os textos como eles estão, os alunos não conseguiriam ler e principalmente entender o que estavam lendo. Por isso, ela costuma adaptar os textos utilizados em sala. Quando perguntamos se essa ação dela não iria transformá-los em leitores apenas de textos adaptados, ela nos respondeu que eles não entendem. Nesse caso, se confirma o que Barcelos (2006, p. 26) afirmou "tanto as crenças podem influenciar as ações, quanto as ações as crenças". O fato de Ana conseguir resultados mais positivos quando entrega aos seus alunos textos adaptados, a faz crer que seja realmente o melhor para o desenvolvimento leitor de seus alunos.

Em relação às estratégias usadas pelos professores para ajudar os seus alunos na leitura e compreensão dos textos, dois professores (um formado em letras e o outro em pedagogia) preferem, antes de entregar os textos aos alunos, fazer a interpretação em LIBRAS do texto em estudo. Eles acreditam que se entregarem um texto aos alunos sem explicá-lo em língua de sinais, eles não irão entender. Mais uma vez questionamos se essa estratégia não limitaria a interpretação dos alunos e permitiria que eles seguissem apenas a leitura do professor. Eles discordaram e informaram que os alunos, ao lerem, em alguns momentos chegam a dizer "não é assim não".

Muitas vezes os professores reafirmam suas crenças baseando-se em alguns fatos que não acontecem constantemente no dia-a-dia da sala de aula. E diante desses fatos, eles geralmente se recusam a refletir e questionar suas estratégias em sala de aula. Para Richardson (1996 *apud* GARBUIO, 2006, p. 91), o ensino dos professores sofre duas forças poderosas: "prévia experiência de vida relacionada com o indivíduo enquanto aluno e **experiências em sala de aula**" (grifo nosso).

Ana, Joana e Luana foram formadas em cursos diferentes (letras, pedagogia e pedagogia, respectivamente) e tiveram diferentes quantidades de contato com os surdos, apesar disso, apresentam uma mesma estratégia de leitura: a de traduzir os textos para os alunos antes de solicitar que leiam. Antônio, formado em letras, prefere trabalhar o texto envolvendo os alunos, inicialmente, com as imagens que o texto oferece. Ele justifica essa estratégia por ser a língua de sinais uma língua visual-espacial e a imagem ser um bom motivador de leitura para os surdos. Em monografia de especialização Vieira (2004, p. 14) percebeu como é notável a habilidade dos surdos em relação à leitura de imagens, sendo esse meio um excelente processo de interação e motivação.

A teatralização é um recurso muito utilizado pelos três professores: Antônio, Ana e Luana. Nesse caso, dois formados em letras e um em pedagogia. Ana e Luana disseram que surdos adoram teatro. E por saberem disso, acreditam que quando os surdos teatralizam os textos, eles compreendem melhor o assunto em questão. Nesse caso, o conhecimento dos interesses de seus alunos influencia as ações dos professores.

Por terem dedicação exclusiva ao ICES e não ensinarem em escolas de ouvintes, esses professores conseguem atingir um conhecimento muito mais profundo da cultura surda. Mesmo a outra professora, que é formada em pedagogia, não ter informado que usa a teatralização como estratégia de ensino, não significa que ela conheça menos os interesses de seus alunos. Ao contrário, ela foi a que apresentou um tempo maior com esses alunos, pois há 25 anos Joana ensina aos alunos surdos.

Na presente pesquisa, pudemos perceber que o tempo pode ser um fator determinante para o desenvolvimento das crenças. Ana, Luana e Joana apresentaram estratégias e crenças no ensino de leitura semelhantes. Porém, Antônio, que apresenta um tempo de trabalho com os surdos menor, foi quem se diferenciou das outras professoras. Formado há pouco tempo, está sempre envolvido no meio acadêmico. É mestre em literatura e tem participado de pesquisas sobre o ensino do português para os surdos. Ele foi o único que

informou que orienta seus alunos a observarem as pistas que o texto traz sem focalizar na leitura palavra por palavra.

Quando os professores estão constantemente trocando informações com outros professores e ao mesmo tempo fazendo leituras que possibilitam a reflexão de suas atividades em sala de aula, eles possivelmente fazem com que suas crenças estejam em constantes mudanças. Eles não permitem que suas crenças tornem-se como barreiras que evitam transformações ou renovações no ensino de uma língua.

Antônio também acredita que é importante que os surdos conheçam bem a língua deles para facilitar a aprendizagem de uma segunda língua. Tal informação corrobora com o que defende Kato (1999, p. 31) quando afirma que as estratégias utilizadas pelo leitor em sua língua podem compensar, com vantagem, o déficit do domínio lingüístico; e com Botelho (2002, p. 112) ao declarar que uma educação bilíngüe propõe que desde cedo a criança seja exposta à aprendizagem de sua língua natural, de modo a oportunizar o desenvolvimento dos processos cognitivos e de linguagem.

Já Luana e Joana, pedagogas e professoras das séries iniciais, acreditam que o fato de o aluno já ter acesso à língua de sinais pode atrapalhar os outros alunos, pois ele irá se sobressair e isso causará um desnível de aprendizagem na sala e também dificultará o trabalho dos professores. Mesmo acreditando que quando um aluno já domina a língua de sinais será melhor para o seu desenvolvimento leitor, elas preferem que a sala de aula de leitores iniciantes apresente um mesmo nível, porque isso será bom para o desenvolvimento leitor de todos os alunos. Tanto Luana como Joana baseiam suas crenças nos poucos fatos que evidenciam no dia-a-dia. Diferente das respostas fornecidas na entrevista de Antônio.

## **Conclusões**

Os quatro professores deste estudo apresentam algumas crenças semelhantes e outras diferentes. Antônio, formado em Letras e o mais recente

do grupo, utiliza como estratégias de leitura as pistas contextuais, orienta seus alunos a desenvolverem hipóteses e faz uso do dicionário em sala de aula. Ana, Luana e Joana (nesta ordem: uma formada em letras e as outras em pedagogia) preferem apresentar uma tradução do texto em língua portuguesa para a LIBRAS antes de solicitar que eles façam a leitura.

Analisando esses dados, concluímos que o curso de formação não pareceu ser a causa dessas diferenças e semelhanças entre os professores. Os professores do ICES apresentaram nesta pesquisa dois fatores que contribuíram tanto para as semelhanças como para as diferenças entre eles: 1 – o tempo de experiência no ensino aos surdos; 2 – o envolvimento desses professores com pesquisas e estudos relacionados ao ensino de leitura como L2 para os surdos.

Os três professores que tinham mais tempo de ensino no ICES justificavam suas estratégias de leitura usando fatos ou resultados de atividades dantes feitas com os próprios alunos. Apenas um professor que tem pouco tempo de ensino no ICES, formado em letras, não tentou explicar suas estratégias usando fatos que ocorrem na sala de aula como justificativa. Ele procurava refletir sobre o que conhece de todo o contexto que envolve os surdos e a sua cultura.

Em relação à influência que as crenças podem estabelecer na aprendizagem dos alunos, notamos o quanto as crenças dos professores são para eles como instrumentos de motivação no exercício de suas atividades de ensino. Contudo, elas podem criar regras que não são sustentáveis à luz das pesquisas, e ainda, erguer muralhas capazes de impedir a reflexão dos professores em suas estratégias e atividades de ensino.

Constatamos que as crenças dos professores sobre o ensino de leitura em L2 para os surdos têm influenciado suas ações na sala de aula. Além de impedir ações que poderiam ser benéficas ao desenvolvimento leitor dos alunos. Por exemplo, o uso da tradução dos textos em português para a LIBRAS, sem antes os alunos surdos usarem as pistas textuais, como também o conhecimento prévio deles sobre o assunto em pauta. Conforme Kleiman (2001 *apud* VIEIRA 2004 p. 14), a leitura não se processa palavra por palavra, é importante o uso de estratégias de leitura (adivinhações, predições, inferências

e o próprio contexto) e a interferência do professor de português para o sucesso da proficiência leitora desses alunos iniciantes. Na pesquisa de Vieira (2004, p. 62), vemos que por mais dinâmicas que sejam as estratégias de leitura, todo o processo de leitura é de longo prazo. Também não podemos afirmar que os resultados serão sempre positivos.

Em resumo, é preciso que os professores estejam constantemente confrontando suas crenças com leituras de pesquisas sobre o assunto, e ainda trocando informações e experiências com outros professores. Conforme Kramsch (1993 *apud* BARCELOS, 2003, p. 63) afirmou "a tarefa mais importante e mais difícil para os professores não é ensinar, mas ouvir..."

## Referências

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. As crenças a respeito das crenças sobre aprendizagem de línguas de seus alunos. In: GIMENEZ, Telma (org.). *Ensinando e Aprendendo Inglês na Universidade: Formação de professores em tempos de mudança*. Londrina: ABRAPUI, 2003. p. 55-63.

\_\_\_\_\_. Cognição de professores e alunos: Tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. Ferreira & ABRAHÃO, M. H. Vieira. *Crenças e Ensino de Línguas*. São Paulo, Pontes, 2006. p. 15-36.

BOTELHO, Paula. *Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GARBUIO, Luciene Maria. Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. In: BARCELOS, A. M. Ferreira & ABRAHÃO, M. H. Vieira. *Crenças e Ensino de Línguas*. São Paulo, Pontes, 2006. p. 87-102.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.  
MATOS, Kelma Socorro Lopes de & VIEIRA, Sofia Lerche. *Pesquisa educacional: o prazer de conhecer*. 2. ed. rev. e atual. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. p. 45-46.

VIEIRA, Patrícia Araújo. *O português como segunda língua: análise da proficiência leitora de surdos cearenses*. Fortaleza: UECE, 2004. p. 14-38. Monografia não publicada.